



HISTÓRIAS DE EDUCAÇÃO: viagens e “viagens”

Beatriz de Paula Souza

Beatriz de Paula Souza

HISTÓRIAS DE EDUCAÇÃO: viagens e “viagens”

2ª edição – 2023
(revista e ampliada para ebook)





Copyright © Beatriz de Paula Souza, 2023.



Edição e revisão: Solange Scattolini e Henrique Félix

Capa, projeto gráfico, diagramação: Andreas Felix

Tratamento de imagens: René Queiroz

Foto de capa: Lago Niassa (Moçambique), por Beatriz de Paula Souza

Versão digital: Marina Pastore

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Beatriz de Paula
Histórias de educação [livro eletrônico] :
viagens e "viagens" / Beatriz de Paula Souza. --
2. ed. -- Guararema, SP : Belo Dia Editora, 2023.
eBook

ISBN 978-65-992704-1-3

1. Educação 2. Educação - Contos 3. Ensino
4. Psicologia escolar I. Título.

23-154029

CDD-370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Belo Dia Editora
Rua Álvaro Campagnoli, 755 – Sala 1 – Bellard
CEP 08900-000
Guararema – SP – Brasil
Fone: (11) 99798-3396
www.belodia.com.br

Quando fiz seis anos, ganhei uma dedicatória. Era assim: “Beatriz, espero que você goste deste seu primeiro ‘livro de verdade’ como eu gostei, quando o li na sua idade”.

Todas as noites, o ser humano lindo que a escreveu sentava-se comigo em seu colo e líamos esta que era sua história favorita. Um parágrafo um, um parágrafo outro, até o sono chegar.

Papai Joe, agora é minha vez de te dar de presente uma dedicatória. Este punhado de histórias que escrevi deve muito a você. E eu também.

Ah, o livro que lemos? Robinson Crusoe.

Penélope

*O que se escreve
nas pedras.
Esse caminho
onde erro.*

*O que se perde
na escrita,
na areia
dos desertos.*

*Tudo em que
se acredita
e aos poucos
se vai tecendo.*

*O acaso
chamado vida
na luz
de um enredo.*

Alex Sartorelli

SUMÁRIO

Prefácio da 2ª edição (2023)	6
(Carta de) Apresentação da 2ª edição (2023)	7
Prefácios da 1ª edição (2017)	9
(Carta de) Apresentação da 1ª edição (2017)	11
O Condor	12
Cleide e Cleusa: mulheres no espelho	16
Calisto e o pé de caju	20
Alice e a internet	24
O frio do quente, o quente do frio	27
Siri na lata: três histórias de candidatos a TDAH	30
O Caçador	35
O menino e o mar	39
Pingo d'Água	42
Escola Raul Brasil, Suzano: um mês depois	47
O dia em que aprendi a ser psicóloga	50
O hortelão	54
A bolha	57
Primavera	61
Locais e créditos das fotos	65
Sobre a autora	66

PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO (2023)

*“A literatura confirma e nega,
propõe e denuncia, apoia e combate,
fornecendo a possibilidade de vivermos
dialeticamente os problemas.”*

(Antonio Candido, em “O direito à literatura”, 1988)

De partida preciso assinalar toda a minha satisfação e alegria de ter a oportunidade de prefaciara *Histórias de Educação: viagens e “viagens”*, de autoria de Beatriz de Paula Souza, escritora-psicóloga-escolar ou contadora-de-histórias-psicóloga? Não sei realmente responder, pois acho que me perdi/me achei nessa viagem em que ela amorosamente nos leva, pegando em nossas mãos, e conduz por cada história-passaporte.

Por se tratar de uma obra tão singular, que conjuga elementos riquíssimos da literatura universal – sensibilidade, descrição densa, personagens complexos em suas simplicidades, narrativas que pulsam além de suas próprias linhas, entre outros elementos – com a apreciação sutil de construtos científicos da psicologia escolar e do desenvolvimento humano, – emergindo com sensibilidade rara e até de forma aparentemente desprezível – nos atinge de forma direta, mas dos olhos para dentro, em trânsito por reflexões e autocríticas. Por vezes pensei: essa história é sobre alguém que conheço ou era sobre mim? As viagens que a obra nos proporciona podem ser infinitas... Chato é o livro quando tem fim. Sabemos! Muito embora, com essa obra Beatriz não nos dá um “fim”, mas um “sim!”.

Afinal, as funções da literatura são muitas: expressar algum sentimento, ensinar algo, interpretar o mundo. Nós criamos narrativas, fabulamos, contamos histórias para atribuir sentido ao mundo à nossa volta. Desse modo, “*a literatura hoje serve para o que sempre serviu: para criar gente livre*”, como bem proclamou o brilhante Javier Cercas. E nessa mesma defesa recomendo – mas recomendo muito mesmo! – que *Histórias de Educação: viagens e “viagens”* possa ir com você aonde quer que voe/voy...

Brasília, 12 de abril de 2023.

Fauston Negreiros
Universidade de Brasília (UnB)

Fauston Negreiros é psicólogo e pós-doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP. Escreveu e organizou muitos livros nessa área, de que é professor e pesquisador na Universidade de Brasília (UnB). Nascido e crescido na bela e importante Serra da Capivara, no Piauí, cultivou gosto e sensibilidade pelas artes, tornando-se um apreciador de literatura artística e cinema, entre outras.

(CARTA DE) APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO (2023)

São Paulo, 21 de março de 2023

*“Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo,
Tempo, tempo, tempo, tempo,
Ês um dos deuses mais lindos.
Tempo, tempo, tempo, tempo...”*

(“Oração ao Tempo”, Caetano Veloso)

Seis anos se passaram desde a primeira edição desta contação de histórias comentadas, a partir da qual podemos visitar muitos assuntos de Educação e de Psicologia da Educação (mas não só dessas áreas). E pensar de uma maneira que passem pelo nosso corpo, memória e sensibilidade, inspirando ou mudando ou afirmando fazeres.

Tempo, tempo, tempo, tempo... tão inventivo! Seu fluxo e revoluções nos levam, transmutam e nos impelem à criação também. Inventou a Covid, a passagem de fase de vida, a mudança do corpo, a da geopolítica mundial, as viagens e “viagens”... Assim, novas histórias surgiram e inspiraram pensar sobre novos ou antigos temas em Educação, revisitados por olhos, mente e coração que são continuidade e mudança.

Entre as revoluções que a Covid ocasionou, está a ampliação do uso de meios digitais. Péssima, por diversos lados, e ótima por outros, é uma das responsáveis por esta 2ª edição ter o formato *ebook*. Com isso, este livro ganha muito em facilidade de acesso e alcance geográfico, embora perca o encanto do cheirinho do papel e do prazer do folhear com as pontas dos dedos, ouvindo o *flop-flop* das folhas e visitando reminiscências. Os ganhos, no entanto, possibilitam que mais (desen)formadores utilizem estas histórias como meio de trazer discussões de uma maneira que transcende sua apropriação meramente racional, alargamento que elas têm-se mostrado capazes de proporcionar.

As histórias da 1ª edição têm um subtexto que me passara despercebido, mas não à perspicácia de um amigo querido. David Calderoni me surpreendeu e presenteou com uma canção chamada “Como ser feliz”, cuja letra é composta de fragmentos dos primeiros sete pequenos contos do livro. Não sei como, convenceu-me a cantar com ele! Querem ouvir? Ó: <https://www.youtube.com/watch?v=Ejehq3a2Eug>.

Entre as histórias acrescentadas nesta edição, há várias com epifanias (expressão do David) felizes também, mas algumas não são nada felizes: são bem tristes mesmo e um tanto introspectivas. Têm o tom dos acontecimentos de que nasceram e sobre os quais necessitei escrever. Assim, a ampliação é também da paleta de cores-emoções.

O Portal da Orientação à Queixa Escolar (OQE) surge como “lar” natural desta coleção de histórias, imagens e reflexões. Trata-se de um repositório de praticamente tudo o que foi coletivamente produzido na OQE, esse serviço-curso do Instituto de Psicologia da USP que nasceu em 1998 e passou a fazer parte importante da minha vida. A quem ainda não

fez isso, convido a navegar em suas águas virtuais cheias de tesouros prontos para serem descobertos, enriquecerem e enfeitarem quem se interessa por Educação, Psicologia e gente.

Você pode visitar o Portal em: <https://orientacaoqueixaescolar.ip.usp.br> .

Um dos propósitos desta obra é valorizar quem a lê, convidando à experiência de criação compartilhada, tão importante nesse mundo de egoísmo e competição. Por isso, segue um convite para que você faça esse livro seu também, ou melhor, nosso: pense em lê-lo com algo por perto com que você possa expressar o que suas histórias evocam ou inspiram em você, na linguagem que escolher. E, se quiser me mostrar, vou adorar; meu *e-mail* é: biapsico@uol.com.br .

Carinhosamente,

A handwritten signature in black ink, reading "Beatriz". The signature is written in a cursive, flowing style with a large, sweeping flourish at the end.

PREFÁCIOS DA 1ª EDIÇÃO (2017)

Prefaciар este encantador livro de histórias de Beatriz de Paula Souza é transitar pela vida, pelos sentimentos, de mãos dadas com tantos aprendizados, desafios, realidades espalhadas por tantos continentes do mundo.

Cada um desse lugares, por ela navegados, expressa, na sensibilidade do olhar da autora, a singeleza e a força da vida, da luta, da natureza, da paixão! Talvez pudéssemos arriscar dizer que cada uma das “viagens” destaca um importante aspecto que as entrelaça: a necessidade de aprender, de compreender, de interpretar o mundo, seja nas regiões mais gélidas, seja naquelas mais tórridas.

O que nos revela a cultura? O que aprendemos com crianças, adultos, pessoas que na sua sabedoria, na sabedoria de seus ancestrais, produzem o desejo de conhecer o mundo, de situar-se e de produzir o que há de mais intenso em nossas relações? Na vida nos constituímos e educamos uns aos outros, viajamos e “viajamos” entre mistérios, certezas, virtualidades.

Que venham as “viagens”, por mais inesperadas e desconhecidas que sejam....

Marilene Proença

Toda criança deste mundo deveria ter o direito a experimentar a vida de forma consciente. Acredito que este livro nos oferece mais uma contribuição da Beatriz de Paula Souza, com palavras que fazem sentido pois nos fazem sentir e, assim, colaboram para a promoção de uma educação de fato saudável e amorosa para todos.

Denis Plapler

Poesia, natureza, simplicidade e a capacidade de nos fazer refletir tirando da vida cotidiana lições preciosas a respeito da educação, das relações entre pessoas e da vida. Histórias de encontros com gente. Diferentes “gentes”. Conhecidas, amadas, encontradas ao acaso, inventadas. Os textos das “historinhas da Bia”, frutos de suas viagens reais e imaginárias, têm sido de grande utilidade em minha prática profissional nas discussões com os alunos, futuros psicólogos que, certamente, se encontrarão com diferentes gentes. Obrigada, Bia, por sua sensibilidade e seu jeito suave de tocar em temas profundos!

Roseli Caldas

Por meio de histórias, refletimos sobre nós mesmos e o mundo de maneira viva e inesperada. É este o convite de Beatriz de Paula Souza neste livro: aproximar-nos de histórias cujas raízes são temas fundamentais da educação. Em vez de começarmos pelos conceitos, iniciamos pela vida. A cada conto que se abre, Beatriz nos lança num cenário diferente, conhecemos personagens que provavelmente encontramos também no nosso cotidiano, que se parecem

com pessoas muito próximas e com nós mesmos. Ao convidar que reflatamos a partir de histórias palpáveis e poéticas, Beatriz afirma a importância da viagem até o outro. Ainda mais nestes nossos tempos com tantos poros da sensibilidade entupidos, o outro é um mistério que nossa percepção precisa redescobrir incessantemente.

André Gravatá

Este livro me surpreendeu. Foi uma leitura rápida, fácil, mas ao mesmo tempo muito rica em significados e provocações. Histórias tão singelas, como a da Alice, ou tão comoventes como as de Cleide e Cleusa, todas elas remetem a alguma experiência identificadora e provocam reflexão.

Foi com muita satisfação que recebi o convite para escrever estas linhas. Conheci a Bia no clube dos montanhistas da USP, o CEU, mais tarde vim a saber de seu envolvimento com a área da Educação e também de sua militância contra a tendência à medicalização, que também apoio. Compartilhamos princípios, valores e o gosto por ambientes naturais, tão presentes em seus escritos.

Tenho certeza de que a leitura de sua coletânea de pequenas histórias (baseadas em casos reais, inclusive o meu!) será sempre prazerosa e inspiradora. Que bela maneira de demonstrar nossos pontos de vista!

Boa leitura!

Silvério Nery

Breve apresentação dos prefaciadores (2023)

Marilene Proença. Psicóloga. Professora Titular do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Coordenadora do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar (LIEPPE/IPUSP) e do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina (PROLAM/USP).

Denis Plapler. Sociólogo pela PUC-SP, Mestre em Filosofia da Educação pela FE-USP. Foi Coordenador de duas lindas escolas, uma pública, outra privada, e Consultor da UNESCO para o Ministério da Educação em 2015-2016. É Coordenador Pedagógico do CERE Itamambuca e presidente da Associação Janusz Korczak Brasil.

Roseli Caldas. Psicóloga. Docente do Curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, na qual coordena o Programa de Atenção e Orientação do Aluno (PROATO). Presidente anterior da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE).

André Gravatá. Poeta, escritor, jornalista, educador. Autor dos livros *O aniversário da terra*, *Inadiável* e *O jogo de ler o mundo*. Um dos criadores da Virada Educação. Coautor de *Volta ao Mundo em 13 Escolas* e *Mistérios da Educação*. Recebeu o prêmio Educador Inventor, da Associação Cidade Escola Aprendiz.

Silvério Nery. Montanhista. Fundou e foi presidente da Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo (FE-MESP) e da Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME). Personagem da história "Siri na lata: três histórias de candidatos a TDAH".

(CARTA DE) APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO (2017)

Há muito venho percorrendo caminhos e descaminhos nas terras da Educação. Primeiro por acaso, porque nelas caí meio de paraquedas: o primeiro emprego que consegui, depois de me formar psicóloga, foi nas escolas da Prefeitura de minha cidade, São Paulo. Mas depois, porque elas me apaixonaram. Ao longo de mais de três décadas, seus cenários, cenas e principalmente habitantes, participam de minha vida, deixando marcas.

Elas têm me explodido em palavras. Escrevi textos, organizei livros. Sempre em uma linguagem em que a racionalidade dá o tom, embora a sensibilidade se faça presente o tempo todo. É um tipo de escrita que tem um papel importante; ajuda a pensar e a fazer Educação. E Psicologia.

Apresento, agora, uma explosão em palavras de um outro tipo, que me aconteceu: a contação de histórias. Desta vez, quem dá o tom é a sensibilidade. Creio que essas narrativas me brotaram para dar vazão a comunicações de que só elas são capazes. E das quais tenho menos controle, pois fluem mais diretamente da alma.

Sem querer, vieram de diferentes cantos do planeta azulzinho. Talvez porque viajar de coração aberto faça viajar em muitos sentidos.

Antes de cada narrativa, como preparação, coloquei uma imagem que a localiza, mas com espaço para vocês povoarem de vida e movimento cada cenário apresentado. E como pensar Educação me é irresistível, fiz isso após cada uma delas, recortando e comentando um aspecto, um pedacinho. Tive o cuidado de fazê-lo de forma breve e em separado, a fim de diminuir o risco de empobrecer o mergulho em cores, imagens, sensações, sentimentos e pensamentos que elas podem proporcionar.

A meus colegas professores, quero contar que tenho tido experiências muito boas utilizando algumas dessas histórias como ponto de partida para aulas. Verifico que, ao falarem de pessoas, dão concretude e humanidade a temas que as perpassam, favorecendo a percepção de seu enraizamento na vida. Sua fruição coletiva favorece envolver os participantes na magia de uma prática, hoje quase perdida, de nossas culturas tradicionais: a experiência compartilhada na contação de histórias, cultivando sentimentos profundos de pertencimento e identidade.

São Paulo, 14 de abril de 2017.

Com carinho,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Beatriz', with a large, sweeping flourish at the end.

O CONDOR



Leo nasceu e cresceu na região da Patagônia, no Chile. Extremo sul, aquela pontinha das Américas, quase na Antártida. Lugar de ventos uivantes e forças geológicas poderosas.

Sua mãe *campesina* lhe apresentou seu primeiro condor. E o amor àquela terra de amplos espaços e natureza pulsante. Criado solto, quando não tinha de ir à escola – ou fugia dela – ia aprender na imensa sala de aula de sua região. Apaixonava-lhe, em especial, o maciço de Torres del Paine.

Sentidos aguçados, corações fora do peito e pensamento vivo, observava as pedras de variados formatos, as paredes nuas das montanhas cheias de desenhos e tentava ler o que nelas estava escrito. Voltava de suas incursões cheio de percepções e perguntas. Aprendeu, observando e pensando, perguntando e lendo, que Torres emergiu do mar. Brotou empurrado por encontros de placas tectônicas. Que dobraram, torceram, viraram, inclinaram e fizeram camadas em ordem não linear que a crueza das rochas expostas registra e conta.

Extasiava-se com os gelos vivos e ativos, que cavavam vales e empurravam pedras, espessos e impositivos. As neves que se derramavam em avalanches, se compactavam em geleiras e se transmutavam em água leitosa, fecundando a terra e trazendo movimento e beleza.

Especialmente no verão, encantava-se com a vida exuberante. A multiplicidade de florezinhas, arbustos, líquens e musgos. A multidão de sementes que repovoava áreas queimadas por incêndios geralmente iniciados por pequenas ações de estranhos à região, ignorantes do poder dos fortes ventos e arrogantes diante de alertas dos nativos.

A vida multiplicava-se também em pássaros e outros bichos. Imponentes condores que subiam as montanhas em seu voo elegante, passarinhos, patos e outras aves variadas, que atraíam e alimentavam predadores como raposas e pumas. Aprendeu suas cores, sons e hábitos; suas relações e como elas teciam e perpetuavam a rede eternamente em movimento dos seres vivos. Sentia-se tocado pelo pulsar de sua própria natureza animal, revelada indelevelmente pela identificação com esses semelhantes.

Era um universo encantado pelas histórias sobre ele contadas por seus antigos habitantes, em que o tico-tico, com seu colarzinho ocre, é um jovem indígena carregando um guanaco no pescoço, transformado em passarinho por mentir, dizendo que o caçara com as mãos nuas, como exige o rito de passagem dos seus para a vida adulta. Leo aprendeu sobre a riqueza cultural dos Selk'names, Tehuelches, Yaganes e outros povos indígenas, com seus mitos, máscaras, pinturas corporais, arqueria e adaptação nua ao frio e vento extremos. E que foram caçados, adoecidos, embebedados, levados a zoológicos de gente na Europa, e exterminados.

O pai de Leo era um trabalhador da construção civil cuja família tinha tradição em lutas sociais. Com ele, avós e tios paternos, aprendeu de modo vivo sobre a presença forte do anarquismo no Chile nos inícios dos anos 1900. Ao som da música do altiplano, de grupos como Quilapayun e Inti Illimani, soube de acontecimentos políticos dessa época tais como o massacre de trabalhadores em situação análoga à escravi-

dão rebelados em Iquique e histórias semelhantes em sua própria região. O horror do desaparecimento de parentes, a dor e o medo intensos instalados em sua família lhe ensinaram sobre a crueza dos anos de chumbo chilenos.

Criado imerso em experiências, cenários e histórias fortes, como ser feliz com uma vida morna? Leo lança-se à construção de um mundo melhor, em que relações bonitas entre os seres humanos predominem, e enfrenta forças em contrário. Engaja-se visceralmente na luta política, em tempos obscuros, e não tarda para temer e temerem por sua vida. Clandestino, um exilado em seu próprio país, o medo passa a constituir seu cotidiano. Antes acostumado aos amplos espaços, vê-se restrito até em seus movimentos corporais em esconderijos apertados, nos muitos momentos em que sua existência não pode ser percebida.

Valeu a pena. Sopros de democracia passam a fazer-se sentir, ainda que não vigorosos como os ventos de sua terra. Valeu a pena? Os sonhos pelos quais se entregou de corpo e alma, corações e mente nos anos difíceis não chegaram à metade em sua realização. Um gosto de decepção amarga-lhe a boca.

A necessidade do extraordinário segue pulsando forte. Clama por seu nascedouro e leva-o a revigorar-se na natureza extrema. Leo vai, então, ao cume do Aconcágua. Três vezes, duas pela difícil via Polacos.

Reencontrado, faz dos amplos espaços naturais seu escritório. Para a sorte desta contadora de histórias, que bebeu da alegria, densidade e vigor desse incógnito e belo ser humano, ao ser acompanhada e ter apresentado por ele o Parque Nacional de Torres del Paine. Descobriu, assim, a profundidade da palavra Guia.

A Leo González, com amizade e eterna gratidão.

Há conceitos fortemente arraigados nos meios educacionais e no imaginário social, estruturantes e estruturados por modos de ensino predominantes. São ideias como: para estudar bem são necessárias quatro paredes, protetoras da concentração; movimento e aprendizagem são incompatíveis; o bom professor dá muitas aulas expositivas, ou é provavelmente um enrolador; emoção e sentidos como olfato e tato são fontes de enganos e dispersão, pois o conhecimento verdadeiro vem do raciocínio claro, despido deles.

Tive uma experiência de intensa aprendizagem que traz elementos para revisitarmos ideias pedagógicas como estas e outras. Geografia, Geologia, Espanhol, História, Botânica, Ecologia e outras áreas de conhecimento se alargaram e por vezes se transformaram, em uma imensa sala de aula ao ar livre, caminhando com alguém que foi um mestre marcante e inspirou esta história que acabo de contar, na qual tais aprendizados – e muitos outros – podem ser lidos.

CLEIDE E CLEUSA: MULHERES NO ESPELHO



São nove horas, hora marcada para a entrevista de emprego de arrumadeira. Um toque na campainha da casa elegante, a porta que se abre revela uma mulher elegante que sai ao portão. Um arrepio percorre a espinha de ambas: são tão parecidas...

A entrevista segue seu rumo costumeiro: experiência, exame da carteira de trabalho, acertos de tarefas, horários e salário. Tudo ok, início segunda-feira. Permeando a conversa, a sensação de familiaridade que causa estranheza, paradoxal.

O convívio, quase diário, só a aumenta. As histórias que vão emergindo esclarecem: ambas nasceram na Bahia, há quarenta anos. Em regiões pobres, de dinheiro e recursos, e ricas, de culinária e festas. Pobres, de boas escolas, e ricas, de espaço para correr e brincar... Que saudade! Sons e cheiros e cores queridos e familiares em comum passam a povoar cada vez mais os momentos que compartilham. Entre risos e entendimento, recordam as tapiocas, os cuscuz, as rapaduras. As festas juninas, os reisados. A barra-manteiga, a mãe da rua e o pique alto.

A história de ambas se separa depois da vinda a São Paulo.

A de Cleide, improvável, a conduz a uma educação aristocrática e a uma vida de confortos. Marluce, sua mãe, veio a São Paulo em busca de ganhar mais, trazendo-a ainda criança. A patroa que encontrou, Pérola, imersa na tragédia de perder uma filha, arrepiava-se ao conhecer a menina: tem a idade e a aparência daquela que a deixou com o colo vazio e o peito sangrando. Marluce aceita, grata, as roupas, os carinhos, a educação e as chances de vencer na vida que sua empregadora oferece a sua própria filha. Pérola aceita, grata, o bálsamo desse aceite.

Cleide cresce imersa em contradições. Sai-se bem nos estudos e aprende a se comportar adequadamente nos grupos e ambientes da mãe postiça, o que lhe custa um sentimento de culpa por estar traindo sua mãe e suas origens. Este seu pertencimento primeiro lhe dá vergonha, o que lhe custa um outro sentimento de culpa por, ao envergonhar-se, estar traindo sua mãe e suas origens.

Princesa de pé no chão, conhece um príncipe lindo, rico e surfista. Apaixonam-se, casam-se e são suficientemente felizes para sempre.

A história de Cleusa, provável, a conduz a uma escola de ambiente conturbado e muitas faltas de professoras, na qual se paralisa e da qual rapidamente desiste. Sai analfabeta, cabisbaixa e conformada em levar uma vida de trabalhadora doméstica.

Há uma colorida feira próxima à casa de Cleide, na qual ela se deleita comprando frutas e outros vegetais frescos e apetitosos, além de um irresistível pastel. Mas naquela quinta-feira terá de abrir mão desse pequeno prazer: um compromisso inesperado a chama.

Cleusa já é de casa e de confiança. Cleide faz uma lista de compras e dá-lhe dinheiro para ir à feira em seu lugar. Surpresa, percebe o rubor e o constrangimento instalarem-se, em ambas: a lista é um imenso problema.

Cleide sabe o que Cleusa está sentindo. Recordar-se de seus primeiros tempos em São Paulo, de sua luta para não perceberem que não sabia ler, nem escrever. Disfarçava: fazia o gestual de leitura e escrita, caprichava nas cópias. Afinal conseguiu aprender, ufa!

Os olhares encontrados de ambas com a lista nas mãos falam. Contam da comunidade de universos e sentimentos. Criam um lugar onde a vergonha se dissolve. Pelas mãos de Cleide, Cleusa aproxima-se da lista. E pode examiná-la e descobrir que reconhece algumas letras e que, por essas letras e por saber que são de nomes de verduras, legumes e frutas, consegue descobrir quase tudo o que nela está escrito!

Cleusa pede licença e vai ao seu banheiro chorar, de uma alegria triste e uma tristeza alegre. Cleide aproveita para fazer o mesmo.

Saber ler e escrever tornou-se algo tão importante, nos dias de hoje, que não ter essa possibilidade traz prejuízos de um nível muitas vezes insuspeito. Sua face mais visível são os impedimentos de acesso a trabalhos dignamente remunerados e socialmente valorizados, de poder transitar nos espaços urbanos com desenvoltura, de evitar ser enganado com contratos mal-intencionados, dentre muitos outros.

Menos visíveis são, muitas vezes, os prejuízos psicológicos, advindos de intenso sofrimento decorrente de situações humilhantes, vividas na escola, na família e em outros meios sociais. Condições de ensino e de vida pouco propícias, por vezes adversas, ao aprendizado das letras não costumam ser devidamente levadas em conta para entender as dificuldades de essa aquisição acontecer a contento. Assim, aquele que não está aprendendo a ler aprende outra coisa: que é incapaz. Mais recentemente, tende a ser convencido de que tem algum problema neurológico e que precisa de tratamentos.

Cleide e Cleusa nos contam da possibilidade de retomar esta senda de saber pelo resgate do valor de quem aprende, como ser inteiro, incluindo de modo importante seus pertencimentos culturais socialmente desqualificados. Ainda, proporcionando o contato com as letras em uma situação que tem sentido, conectada com a vida. Tudo envolto em terna amorosidade.

CALISTO E O PÉ DE CAJU



Era uma vez um professor. Seu nome era Calisto. Era moçambicano, da Província de Niassa. Tinha se proposto, como tantos conterrâneos, a reconstruir um país devastado pela guerra de independência política do colonizador europeu.

Sua contribuição seria prover o acesso às letras e, conseqüentemente, a um mundo de informações e possibilidades. Foi designado para a escola de uma comunidade próxima a Metangula, quase à beira do magnífico lago Niassa, um portento azul de 500 km de extensão.

Professor Calisto chega a seu destino, após hora e meia de ônibus por uma estrada enlameada pelas chuvas de monções. Derrapando, o coletivo segue passando por povoados em que as casas têm paredes de taipa e telhado de palha. Ele olha as crianças a brincar na terra e as mulheres a pilar milho. Uma sensação de paz se instala, morna.

Custou mas chegou. O diretor que o recebe, sisudo, pergunta-lhe: “Você fala Chiyao?”. Fala. Ainda bem. Sua turma é o primeiro ano “bilíngüe”. Descobre, então, que o uso que esta escola (e provavelmente não só esta escola) faz desse termo é falar-se apenas na língua local. Nada de Português.

Seus alunos o aguardavam. Oitenta e dois pares de olhinhos alegres e esperançosos, a cinco palmos do chão: são crianças de seis anos. O tamanho da turma não o surpreende. Fica aliviado, pois sabe que há muitas em que o número de alunos chega a cem, cento e vinte. Mas desconcerta-se ao encontrar uma situação de que já ouvira falar, mas não esperava – e, portanto, não se preparara para ela. Ao perguntar sobre sua sala de aula, o diretor aponta para cima. Para a copa frondosa de um magnífico e antigo cajueiro.

Professor Calisto começa pelo que sabe: após os cumprimentos de praxe entre ele e as crianças, posta-se ao lado da tosca lousa apoiada no tronco da árvore e inicia o ensino das letras: a, e, i, o, u. Não tarda para que a alunada se disperse. O campo convida, a aula desconvida. O que fazer?

O inusitado cria a pergunta, o inusitado oferece a resposta. Em meio a um certo desespero, percebe ordem no caos: as crianças não estão dispersas, mas concentradas em seus interesses, que cultivam em pequenos agrupamentos. Neles, conversam, inventam, aprendem uns com os outros, descobrem juntos. E o professor volta para casa com essa percepção lhe inundando os pensamentos.

No dia seguinte, esta passa a ser a base do seu trabalho: deixar que as crianças se agrupem, ao invés de lutar contra esse movimento delas. Adapta-se e nada nesse fluxo, ao invés de debater-se contra ele. Assim, vai passando pelos grupos e lhes propondo desafios envolvendo letras: escrever seus nomes, os de seus pais, irmãozinhos. E o que mais soubessem ou quisessem saber escrever.

As crianças escrevem à sua maneira, discutem, mudam o que fizeram, intrigam-se e entregam-se. Professor Calisto vai passando nos grupinhos e ajuda. Uns ficam mais, outros menos, nessa brincadeira. Quando o período termina, o mundo das letras impregnou quase todos. Cansou, mas valeu. É por aí.

Nos dias seguintes, ele segue observando os modos e meios das crianças. Sua alegria, suas corridinhas

de vez em quando, que essa escola-cajueiro proporciona. Mais uma vez, experimenta nadar nesse fluxo de vida e não se debater e se afogar lutando contra ele. Inventa brincadeiras de imitar bichos com o nome começado com esta ou aquela letra. Em grupinhos ou grupões. As crianças passam a inventar brincadeiras também. Com ou sem letras. Também pode.

Há dias que são muito duros. A chuva não deixa ter aula, faltam alunos que têm de ajudar em casa ou na *machamba* (plantação), alunos nervosos com a perda de parentes por AIDS brigam. O pagamento, pequeno e atrasado, deve ser buscado em uma cidade longínqua. Nesse dia, a escola toda fica sem professores, que precisam viajar para receber. A condução de ida e volta consome quase um terço da minguada quantia.

O ano vai transcorrendo. Surpreso, percebe que sua “pedagogia do cajueiro” está funcionando! Todos aprendem bem? Não. Mas já lecionara para turmas que tinham salas de aula convencionais, dando aulas convencionais. E os resultados haviam sido bem piores. Além disso, agora se divertia muito mais.

No ano seguinte, Professor Calisto não voltará. Passou na seleção para dar aulas na Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia, próxima à casa que está acabando de construir em seus períodos de folga, com a ajuda da esposa e de parentes. E ganhando bem melhor.

Com um aperto no coração, no último dia colhe uns cajus. Seca suas castanhas e as enterra no quintal de sua casa. Elas brotam. No quintal e na alma. Para sempre.

Entre imagens, sons, cheiros, movimentos e sensibilidades que podemos intuir nesta narrativa, Calisto nos introduz um mundo de realidades tão distantes da preconizada e exigida pela escolarização europeia e estadunidense que vem se impondo ao planeta, que tentativas de enquadramento nela beiram o surreal.

Pelo contato com o extremo (a extrema distância), nos expõe o absurdo da normatização dos meios de acesso a elementos de cultura que se tornaram fundamentais para se poder ter acesso e domínio de instrumentos de estar no mundo sem ficar à mercê de seus jogos de poder, prejudicando-se com isso. Como é o caso do domínio das letras.

Calisto tem a sensibilidade de deixar-se render ao óbvio: que é preciso inventar outros modos de ensino, no cenário em que se encontra. Partilha essa invenção com aqueles que vivem mais diretamente com ele, a experiência educativa em que está: seus alunos. Compreende o que dizem, pela linguagem dos gestos, das atitudes que indicam os caminhos que dão certo. Compõem uma obra a muitas mãos.

Alcançam o ideal? Longe disso! Oitenta, cento e vinte crianças com um só adulto educador? Não tem como! Mas nos oferecem essa poesia pedagógica e humana que convida à invenção.

ALICE E A INTERNET



A pequena Alice vive em um país das maravilhas: Nova Zelândia, láááá do outro lado da bola. Quando tinha dois aninhos, seus pais, jovens profissionais, souberam aproveitar uma oportunidade de ouro para se estabelecerem naquele lindo lugar.

Vantagens e desvantagens, a distância se impõe às famílias. Difícil visitar. E viva a salvadora internet e seus recursos que parecem coisa de ficção futurista. Graças a ela, Alice tem avós, bisavós, e muitos tios e primos ciberespaciais.

Bisa Mila compra um ursinho de pelúcia para a bisnetinha que ainda usa fraldas: begezinho, olhos miúdos e vivos, carinha simpática, corpo macio. Em uma quarta-feira, liga o Skype para mostrá-lo à bisneta, no horário costumeiro: onze da noite aqui, duas da tarde lá.

— Alice, olha o que a bisa vai te mandar pelo correio! Vou pôr já, já!

Os olhos da menininha brilham, paixão à primeira vista. Certamente alimentada pela paixão por e de quem apresentou o presente.

Cadê a Alice? Saiu correndo tão rápido que sua mãe não viu aonde foi. Encontra-a grudadinha na porta da frente. Esperando o correio chegar, claro!

E para explicar que vai demorar vinte dias? Aguenta o chororô...

Afinal o brinquedo chega e torna-se rapidamente o preferido entre todos. Seu nome? *Bear*, oras.

Como todo brinquedo preferido, não pode lavar (a não ser à traição e preparando-se pra o ataque de fúria), vai descosturando, mas o amor só o embeleza. E se perder? Durante um ano isso não aconteceu mas, se acontecer, já pensou?

Vovó Bia acha um igualzinho em um brechó infantil. Feliz com a descoberta, compra imediatamente o *backup* de objeto transicional. Também pensa que, quando um dia tiver a imensa felicidade de receber a visita da netinha, ele pode ser um ajudante poderoso para tornar a casa aconchegante à sua visitinha.

Liga o Skype para mostrar a novidade, numa quarta-feira à hora costumeira: onze da noite aqui, duas da tarde lá.

— Alice, tenho uma surpresa pra você!

E mostra o *Bear II*. A menininha arregala os olhos, suspende a respiração, empalidece. Sai correndo e volta aliviada, com seu amado *Bear* nos braços.

Aguenta a culpa, vó ruim, fazendo a netinha sofrer! Quem mandou não pensar como é misterioso o espaço em tempos de internet?

A pequena Alice oferece, a suas ascendentes de três gerações, a oportunidade de se tornarem mestras. Por não caber nas previsões que sua mãe, avó e bisavó fazem de suas reações, põe conceitos em movimento. A pesquisadora que as habita é convocada, emergem perguntas. Uma delas: qual é o impacto da internet na construção do conceito de espaço, em criancinhas como ela?

Também Alice é chamada à pesquisa: como é e como funciona o espaço? Não como eu pensava; como será então?

“Mestre não é quem sempre ensina mas quem, de repente, aprende”. Esse dito do genial Guimarães Rosa, que se tornou viral (já que falamos de internet), pode ser lido como um conselho a quem imerge na Educação e se dá conta de sua natureza de aventura: convoca eternamente à invenção, por sua irregularidade, imprevisibilidade. É preciso deixar pensamento, imaginação e alma fluírem. Aguçar sentidos e inteligência. Poder, de repente, aprender.

O FRIO DO QUENTE, O QUENTE DO FRIO



Em pé na banheira que se enche com uma primeira lâmina de água quente demais, a pequena Gabriela, três aninhos, anuncia-me a descoberta de uma nova e paradoxal sensação: “Mamãe, o frio do quente!”. Ai, que culpa...

Trinta anos passados, visito-a na Finlândia, em pleno inverno. Sua filhinha Aurora, três aninhos, é pura vivacidade. Deslizando pela neve no trenozinho puxado por seu cachorro, grita de alegria. Correndo atrás de bolinhas de sabão que congelam e transformam-se em pérolas no ar frio destas terras boreais, dá pulos de excitação. Montando uma torre de blocos mais alta do que jamais conseguira, graças à ajuda da vovó, treme de emoção, para depois derrubá-la com entusiasmo, fazendo voar seus tijolinhos. Acarinhando o irmãozinho bebê, aperta-o com a força do misto de amor intenso e ira de rainha deposta.

Aurora brasileira não tem as cores pastel do inverno ártico, mas o vermelho brilhante e intenso do verão tropical. O sol que traz não circula próximo ao horizonte, mas ergue-se alto e tudo banha com sua torrente caudalosa de luz e calor.

É o quente do frio!

O contato com a beleza, a maravilha, a curiosidade viva e o prazer em estado quase puro que as crianças podem nos proporcionar foi certamente um dos maiores motivos pelos quais muitos, como eu mesma, se apaixonaram pela Educação. Esta possibilidade transborda nestes pedacinhos de convívio com essa filha, Gabriela, que hoje é mãe, e com sua filha, Aurora, ambas solares como seus nomes. Lembro-me de, no início de minha vida profissional, deixar-me imergir na sonoridade das crianças nos pátios das escolas em que trabalhava, de olhos fechados, e ter a sensação de ouvir passarinhos.

Estarão os modos de acontecer da escola permitindo jorrar esta fonte de vida e motivação para os educadores? Sabemos que muitos adoecem de tanto sofrimento. Isso tem muitas raízes. Será que a abertura de mais espaços e tempos para que essa alegre vitalidade das crianças possa se derramar e ser deleitada pelos adultos das escolas, sem culpa de estarem “perdendo tempo”, poderia ter um papel na invenção de uma Educação melhor para todos?

SIRI NA LATA: TRÊS HISTÓRIAS DE CANDIDATOS A TDAH



Júlio era um menino danado. Puxava os bigodes do cachorro, cutucava os coleguinhas, comia pasta de dente, subia no telhado, ligava a furadeira, não parava na sala de aula, despencava da mangueira, brigava na escola, fazia perguntas inconvenientes... ô inferno!

Um dia sua professora passa à classe uma redação: três coisas maravilhosas que Deus fez. Fácil! Escreve: três bananas. Anuncia à mestra espantada: “Professora, acabei!”. Sai e vai para a quadra, pois sabe que seus colegas vão demorar para terminar e não quer ficar esperando parado.

É sua vez de se espantar quando descobre que levou um zero na redação, redondo como um biscoito de polvilho. Briga com a professora: “Mas tá certo!”. E a chama de burra, motivando sua imediata ida à diretoria, para o já costumeiro carão.

Episódios como esse vinham fazendo de Júlio uma figura controversa na escola: amado e odiado. Amavam sua criatividade, seu espírito inquieto como seu corpo, as situações engraçadas que criava. Odiavam o tumulto que gerava, o desrespeito diário às normas escolares, o incômodo que causava aos que queriam estudar direitinho, o desbocamento, o mau exemplo. Uma unanimidade: era famoso, uma celebridade local.

Sua mãe, D. Neusa, se cansou de ir à escola para levar carão também. Na primeira fase, conversava e repreendia o filho arteiro. Na segunda, batia e punha de castigo. Na terceira... passou a mandar que fosse todo dia jogar futebol. Todo dia. Tinha um campinho não tão perto de casa, mas Júlio já tinha idade para ir e voltar de lá a pé. “Mas, mãe, hoje não tem jogo!”. “Não faz mal, vai assim mesmo”.

Na escola, intrigados, percebem que o garoto anda mais sossegado. E menos bravo. Chamam novamente sua mãe para conversar. Ela vacila, dá uma desculpa para não ir na primeira chamada, falta na segunda. Está cansada de broncas e acusações, sutis ou nem tanto; não é a mãe relapsa que a acusam de ser. E não aguenta mais ficar ouvindo falar mal do seu filho!

Na terceira, resolve ir para ver se para essa amolação das chamadas. “Mãe, o que você fez com seu filho?”, pergunta a diretora. “Como assim?”. “O comportamento dele melhorou. Não virou nenhum anjinho, mas agora dá pra levar”. Aliviada, D. Neusa conta o seu método futebolístico.

A diretora fica pensativa. Vem-lhe à mente outros alunos irrequietos, às vezes agressivos, que a escola teve e tem. Será que funcionaria com eles? E se a própria escola aproveitasse mais seu espaço gigante para as crianças correrem, brincarem...? Em classe, parecem siris na lata: clé-clé-clé-clé... No recreio, sua histeria dá nervoso. E se tivessem mais brincadeiras, mais momentos para isso? Ah, muito complicado. Como vai ser para cumprir a grade curricular? Foi só um pensamento, não dá, deixa pra lá.

Júlio foi crescendo, sempre meio problemático na escola. Agora que era um rapaz, além do futebol, descobrira outra paixão: a escalada em rocha. Sua aptidão e gosto, que se revelara quando pequeno na escadada de armários, telhados e vãos de porta, encontra a grandiosidade e os amplos espaços das montanhas rochosas em ambientes naturais.

As escaladas em chaminés de rocha, como a das Prateleiras em Itatiaia ou da Agulha do Diabo na Serra dos Órgãos, eram desenvolvimentos do que fazia para subir o vão das portas. Costas e mãos em uma parede, pés na outra, subir, subir, subir.

As fendas, como as da Pedra do Baú ou as do Pão de Açúcar, não eram tão difíceis de escalar para quem tinha subido na geladeira pelo puxador vertical da porta tantas vezes, quando pequeno. E quando ninguém estava vendo, claro.

Um dia, Júlio descobriu algo inesperado: que gostava de estudar! Na escola, não, que era muito chato. Não aguentava aquelas longas aulas expositivas e sessões intermináveis de cópias. Ia dando uma fervura por dentro, uma agonia. Descobriu então as livrarias, a biblioteca e, mais tarde, a internet. Fuçava e encontrava muitos assuntos interessantes, respostas para muitas perguntas que tinha e outras que nunca havia feito, ou se feito. Sua inquietude corporal era também intelectual!

Descobriu o movimento das sufragistas americanas. As placas tectônicas e seus deslocamentos. Os números triangulares e a teoria das supercordas. O mito da caverna de Platão, o conceito de infinito, o mistério da Santíssima Trindade (que continuou misterioso). A injustiça entre os homens, a luta de classes, o cenário de destruição da vida planetária...

Esta história é inspirada em duas pessoas que existem. É um ajuntado, com costuras bordadas, de fragmentos dos percursos pessoais de Guillermo Arias Beatón e Silvério José Nery Filho, que ouvi aqui e ali. Guillermo é presidente da Cátedra Vigotsky da Facultad de Psicología da Universidad de La Habana. Silvério fundou e foi presidente da Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo e da Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada.

Agora, outra história.

Olavo foi fazer avaliação com uma psicóloga. Não foi o primeiro profissional de Saúde que o avaliou, um neurologista. A escola que mandou. Ele não se concentra nas aulas e tarefas na classe, não para na sala de aula, cutuca os colegas, briga com eles e com a professora.

A diretora, a coordenadora e a professora se informaram, com colegas de outras escolas e em revistas e livros de Educação, de que estamos na década do cérebro. Neurologistas e psiquiatras, hoje, são a fonte de soluções para problemas que antes faziam sofrer crianças, pais e professores porque não se percebia que eram questões médicas. Dizem que são, agora, rápida e facilmente eliminadas com diagnósticos e tratamentos novos, para problemas cerebrais antes desconhecidos.

Tem um que está uma praga na criançada de hoje em dia: o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, o TDAH. Mas tem jeito, um santo remédio: uma ritalinazinha todo dia e pronto!

Olavo? Ah, está com muito jeito de TDAH. Vai para o neuro.

A família procura um profissional recomendado por um amigo, que tivera uma boa experiência com ele. Dr. Marcius espera seu novo paciente na hora marcada. Quando a porta do consultório se abre, seu olhar, automaticamente voltado para o meio da fresta, tem de baixar para encontrá-lo. Entra uma criancinha de quatro anos. Quatro.

O relatório da escola e a descrição que os pais de Olavo fazem dele encaixam-se nos indicativos diagnósticos de TDAH, uma lista de comportamentos chamada SNAP-IV. São atitudes como “não consegue prestar muita atenção a detalhes ou comete erros por descuido nos trabalhos de escola ou tarefas”, “mexe com as mãos ou com os pés e se remexe na cadeira” e “tem dificuldade de esperar sua vez”.

É, ele é assim mesmo. No consultório também. Brinca com os cliques, fuça o estetoscópio, não fica quieto na mesa de exame. Mas esse inventário de comportamentos tem uma coisa (dentre outras) que o incomoda: não se diz para que idade é. Será que serve para uma criancinha de quatro anos??

Não encontra, no exame clínico, qualquer sinal de alteração. Pedir um exame de neuroimagem caríssimo, com aparelhagem sofisticada e rara como o SPECT ou o PET? Pensa, para além da literatura médica, que Olavo não lhe parece muito diferente de um punhado de crianças de sua idade que conhece. Decide, antes de pedir qualquer exame, mandar para uma psicóloga.

Helena, a profissional indicada, vem fazendo mudanças em seu trabalho. Insatisfeita com a linha mais descritiva e psicométrica com a qual vinha atuando, vem integrando sua experiência anterior, de professora, à atual profissão. Assim, quando recebe Olavo, decide pesquisar não apenas o menininho, mas também os ambientes que ele frequenta, modo de vida, relacionamentos e história, buscando sentidos. Seu passado de professora a leva a fazer algo raro na profissão de psicóloga: pesquisar como é e como ensina a escola dele em vez de satisfazer-se com a descrição do seu comportamento nela.

Descobre uma escola pequena, de ambientes apertados e abafados para o número de crianças que abriga. As práticas pedagógicas nas classes de pequeninhos como Olavo mais parecem típicas de Ensino Fundamental, ou seja, para crianças mais velhas: ficam longos períodos sentados e têm lição de casa quase todos os dias, geralmente envolvendo alfabetização e aritmética.

Em casa, outro lugar pequeno e apertado, as coisas não andam bem. Estressados com as constantes reclamações da escola sobre seu único e precioso filho, os pais andam brigando. Olavo percebe, culpado, que é o estopim de muitas dessas desavenças que são, a maioria, sobre como educá-lo.

Helena comunica, ao neuro, à família, à escola e ao próprio menino, que não vê sinais de qualquer transtorno neurológico nele. Baseada, claro, em outras informações e situações também, além das que vivera com ele. Orientações? Bem, várias. Mas as principais eram desdobramentos dos mesmos temas: Olavo tem sede de espaço! De lugares e situações em que possa se movimentar e viver mais plenamente seu corpo! De brincar!

Será que a diretora do Júlio conseguiu inventar uma escola em que movimento, brincadeira e aprendizagem não precisem andar separados, para o Olavo estudar nela? Será que os pais dele vão conseguir administrar a vida para encontrar maneiras de seu filho querido poder ter lugar para sua inquietude de corpo e alma?

Já pensou se Guillermo e Silvério tivessem quatro anos agora?

No passado não tão distante, às vezes via crianças que tomavam remédios, anticonvulsivantes, para ficarem quietos em sala de aula. Mas era raro. Hoje, é assustador o número, crescente, das que tomam outras drogas para o mesmo fim. Por que estamos aprendendo a pensar que desajustes devem ser problemas biológicos? Por que transformamos agitados em hiperativos? Tristes em depressivos? Sonhadores em portadores de déficit de atenção? Meticulosos em obsessivos compulsivos? Rebeldes em portadores de transtorno opositor desafiador? Birra em transtorno do comportamento disruptivo? Envelhecimento em vergonha? Seios pequenos em defeito? Substituímos partos normais por cesarianas? Etc. etc. etc....

Motivações financeiras que promovem esse jeito de pensar – lucros para a indústria farmacêutica, mercado de trabalho para especialistas – são fáceis de ver. Mais difícil, pela sutileza, é algo que essa história de “siris na lata” nos alerta. Será que as pessoas reais que inspiraram o personagem Júlio, Guillermo Beatón e Silvério Nery, teriam hoje a capacidade de dar as excepcionais contribuições pelas quais são reconhecidos? E se tivessem sido vistos e medicados como portadores de TDAH, como é comum hoje, entre crianças que se comportam como eles em sua infância, na escola?

Nas entrelinhas da medicalização da vida lê-se o impedimento de novos e melhores mundos.

O CAÇADOR



Antes de escurecer, Calangão pegou a canoa e partiu para o igarapé que seu primo indicara. Na mata à margem esquerda, perto da sumaumeira maior, disse que vira a boca de um caminho de anta.

Chamava-se Charliston, como o ator de cinema americano, mas virara Calangão nos seus tempos de coureiro. A atividade dava um dinheiro que ajudava bem: comprava sal, açúcar, café, óleo, arroz, feijão e farinha para o mês inteiro, além da carne com gosto de frango do jacaré. E uma pinguinha também, que ninguém é de ferro! Depois o IBAMA proibiu. O bicho estava rareando mesmo, mas foi duro ficar sem essa renda. Caçou escondido por mais um tempo, até ficar muito perigoso desobedecer aos homens.

Hoje desafiava outra proibição de caça, mais recente e bem maior que a anterior, incluindo macacos, queixadas e outros bichos. Eles garantiam carnes à família para além da fornecida pelos tambaquis, pirarucus, tucunarés, pacus e outros peixes que habitavam as águas da região. Enriqueciam a dieta que também incluía cupuaçus, tucumãs, taperebás, buritis, castanhas-do-pará e outras frutas, coquinhos e castanhas. Mas não davam o ano todo e, com isso, a fome e a falta de saúde eram velhas conhecidas. Ia caçar a anta, sim senhor.

Dá motor rio Negro acima, rumo ao igarapé indicado. Ao longe, vislumbra um temporal que avança em sua direção. Abandona o canal e chega mais rente à vegetação, procurando abrigo. Entra pelo igapó e esconde-se a tempo de proteger-se do pé-d'água e da ventania que não tardam. Vai dar um banheiro danado.

Enquanto espera, seu olhar volta-se para a mata alagada. A água ainda calma, escura e avermelhada como mate, reflete árvores e cipós de formas variadas. Finas, grossas, retorcidas, secas ou com folhas, desdobram-se no espelho fluido e pontilhado de folhinhas coloridas, criando formas bonitas ou assustadoras, conforme o que sua imaginação faz delas.

A quietude e o devaneio são interrompidos pela chegada da chuva e do vento. As imagens desfazem-se, transformam-se com a água agora crespada e fosca, cheia de pontinhas e esbranquiçada pelos pingos em sa-raivada. Passada a adaptação à mudança brusca, a beleza da nova cena revela-se e Calangão, encolhido e parado como os pássaros e macaquinhos ao seu redor, espera e aprecia.

Em uns vinte minutos, o temporal estia e ele retoma seu caminho. Entardece quando chega ao igarapé indicado, mas está tudo dentro do tempo necessário: anta se caça à noite. No remo para não fazer barulho e deixar cheiro de diesel, avança e logo avista a imensa sumaúma. Como o primo dissera, perto aparece uma abertura arredondada, uma boca de túnel no emaranhado de raízes aquáticas, troncos e cipós: é o caminho da anta.

Uma quentura percorre-lhe o corpo. Sentidos aguçam-se: as narinas expandem-se, perscrutando cheiros; os olhos avivam-se, atentos a detalhes e movimentos. Intuição, instinto e o corpo todo preparam-se, intensos: vai começar a caçada.

Encosta a canoa, pega a espingarda. Segue silencioso em paralelo à trilha da presa, cuidando para o vento não levar seu cheiro a ela. Sobe em uma árvore, posiciona lentamente a espingarda e espreita. Cai a noite.

Ouve. A mata viva inunda seus ouvidos de muito mais sons do que de dia. Grilos, sapos e aves noturnas exigem-lhe atenção redobrada para distinguir o que finalmente chega: a bulha da anta. No breu, percebe seu movimento no raio do cano e atira.

O bicho cai sem um grito: a bala pegou na cabeça. Ouve, no entanto, um guinchozinho inesperado, agudo demais para ser daquela caça grande. Aguça o olhar. A tênue luminosidade de um fiapo de lua revela uma forma pequena e rajada ao lado do animal abatido: é sua cria.

Assustado com sua presença, o bichinho foge. Mas logo volta, chorando e tocando a mãe com a trombinha. Novamente percebendo ali o predador mais perigoso da natureza, afasta-se correndo, para logo voltar à mãe, em desespero. Esse vaivém repete-se inúmeras vezes diante de um Charliston paralisado. Seu coração de pai dilacera-se, tomado de dor e culpa.

Estende as mãos grossas com leveza para o bichinho exausto e o aninha no peito. Ele deixa-se acariciar e sua respiração arfante vai acalmando-se, enquanto lágrimas escorrem dos olhos daquele homem rústico, rompendo a dureza que uma vida muitas vezes no limite da sobrevivência o fizera construir. Com o tapirzinho no colo, pega a canoa e, sob um céu de luzinhas que testemunham e cobrem aquele momento sagrado, toma o caminho de volta à sua comunidade.

Caudalosos como o rio Negro, fluem sentimentos e recordações. Emergem, intensos, mal-estares que passaram batidos, à força ou não, nascidos em situações de caça. Sem terem podido manifestar-se por tantos anos, encontraram uma brecha durante uma conversa do agente do IBAMA sobre os porquês da proibição de matar animais silvestres. Naquela noite, não dormiu. Mas no dia seguinte, conseguiu prender sua perturbação em um poço fundo e bem tampado da alma e a vida seguiu igual. Agora, no entanto, a tampa explodira com a pressão enorme do que havia prendido. Dores, horrores e culpas jorravam, quentes.

Reflete sobre como a ação do IBAMA dessa última vez tinha sido diferente. Viera junto com ensinamentos sobre como não precisar da atividade proibida. Veio gente mostrar como melhorar a horta e outros plantios, a criação de galinhas e porcos e como aproveitar restos. Além disso, começou a ter cesta básica com uma relativa regularidade.

Apanha a espingarda e arremessa-a ao rio. Ela submerge, para nunca mais.

A discussão sobre a necessidade do mundo e da vida serem apresentados a educandos de maneira integrada, contrapondo-se à predominante fragmentação dos conhecimentos, divididos em disciplinas-compartimentos incomunicáveis, é antiga. No entanto, o positivismo é tão arraigado que ainda temos muito a construir em matéria de práticas que, como diz o sábio Morin, reliquem os saberes, possibilitando uma melhor aproximação do real.

Histórias, contos e causos mostram-se um caminho fértil para isso, pois permitem percorrer paisagens, culturas, climas, história e outras fontes de conhecimento de maneira entrelaçada e indivisível. Ademais, podem tocar quem as ouve ou lê pelas informações objetivas que contêm, mas também pelos diferentes sentidos, emoções, memórias e apelos à imaginação. Esses diferentes modos de conhecer também se apresentam simultâneos e interligados. Assim, a experiência da integralidade é favorecida em conteúdo e forma.

Que essa história, que Calangão/Charlston protagoniza, possa inspirar e servir de instrumento em situações educativas que tenham, no horizonte, o pleno desenvolvimento humano.

O MENINO E O MAR



Paulo era engraçado. Uma vez, subindo o Pico dos Marins, deu piti porque a turma decidiu acampar no platô abaixo do cume, pois estava muito cheio lá em cima. Foi sozinho, praguendo e sem barraca, naquele frio de dar hipotermia. Doido. No dia seguinte, soubemos que, depois de um perrengue com a friaca, trocou o espumante que íamos partilhar por um lugarzinho sob um teto de náilon. É Paulo...

Paulo era poético. Uma vez, na feira de flores do Ceasa, encontrei-o em uma banquinha, com seu chapéu cáqui de campo. Todo feliz e bonitinho, presenteou-me com a orquídea mais linda que já vi, roxinha com um babado longo e branco de bolinhas que parecia um jabô. É Paulo...

Paulo era controverso. Parece que andou aprontando umas. Tem gente que não pode vê-lo na frente nem pintado de ouro. É Paulo...

Um dia, sumiu. Cadê o Paulo? Ah, herdou um veleiro e saiu por aí. Devia estar se divertindo.

Outro dia, apareceu, anos depois. Uns três, acho. Enviou-me uma mensagem pelo Facebook, dizendo que estaria em São Paulo em agosto e queria reencontrar a turma. “Paulo! Por onde você anda?”

A resposta é uma foto dele, com o mesmo ar de menino levado e a mesma careca, todo sorridente em um barco branco entre outros, com umas quatro mulheres bonitas a bordo. Key West, Flórida. Tiro uma: “Aê, gostosão da mulherada!”. Um pouco envergonhado: “Kkkk se acha, o tiozinho... Vou dar uma palestra, me ajuda a divulgar? Chama o pessoal”. E cola o convite: Altas Latitudes no Petit Prince.

Descubro, atônita, que Paulo “andou” pela costa atlântica da América, em seu veleiro que homenageia Saint-Exupéry, da gelada e perigosa Patagônia até o lugar da foto que me enviara, em solitário. Mais atônita ainda, vejo que pretende seguir até a Groenlândia, “pular” pela Islândia e chegar ao norte da costa norueguesa!

Não conseguia juntar as peças. Misto de palhaço e poeta, era uma figura por quem sempre tive simpatia, mas nunca levei muito a sério. Como se tornara esse ser extraordinário, que tinha feito um percurso já bastante difícil e se dispunha a fazer outro extremo assim?

Claro que fui à palestra. Embevecida, deixei-me transportar para uma vida na água, onde a fluidez combina-se à disciplina, o balanço mistura-se à firmeza, a sociabilidade derramada mescla-se à solidão. A casa pequena e apertada tem, como quintal, o mundo...

Paulo derramava histórias. Piratas, águas cor turquesa, resgates. Encontros com almas irmãs com quem partilhava o deixar-se arrastar pela atração irresistível dessa vida de ciganos e ciganas de Netuno. Relatos pontilhados de palavras tão incompreensíveis quanto saborosas: poita, barlavento, adriça...

No intervalo, pergunto a Paulo: “É um caminho sem volta, não é?”. E ele, com os olhos brilhando: “É muita liberdade!”.

Por que estou chorando?

Essa história, verdadeira, é uma homenagem a Paulo Vinicius Arruda Passos.

Nós, seres humanos, atribuímos significados e criamos expectativas sobre o que ou quem conhecemos. Necessitamos fazer isso para nos localizar e movimentar no mundo.

Histórias como a do Paulo podem nos ajudar a refletir sobre o quanto precisamos tomar cuidado com nossas impressões e projeções. Quantas histórias de surpresas, agradáveis e desagradáveis, temos todos para contar? Quando avaliamos pessoas, entram em cena, além de nossas experiências singulares, o que aprendemos na vida em sociedade. Abre-se o espaço para preconceitos, que podem até sobrepujar percepções que temos a partir de experiências diretas.

Paulo, quarentão, branco e de origem aristocrática, rompeu barreiras de descrença que o cercavam e irradiou seu brilho intenso. Quando falamos de crianças pobres, pretas ou indígenas que frequentam os bancos escolares em um país preconceituoso como o nosso, essa ruptura é mais difícil.

Vivemos tempos de radicalização pró e contra diversidade e preconceitos de etnia e classe social, além dos de gênero e de outros mais. Paulo nos diz que navegar, ops, acreditar é preciso!

PINGO D'ÁGUA



“Acorda, menino, hoje não dá para você ir à escola; o Zé faltou, você vai cobrir, a pousada está cheia!”. Sonolento e obediente, ele se veste rápido e vai para a cozinha da pousada da família, participar dos preparos do café da manhã. A temperatura está baixa, 14 graus, mas põe uma regata por baixo das blusas de frio pois no Jalapão, nessa época, depois que o sol aparece, ela sobe rapidamente para uns 35 graus.

O pessoal chegou no dia anterior, em um carro de bombeiros adaptado para servir como uma espécie de ônibus, a que deram o apelido de Mamute. Bruto, como as condições daquela região. Não é à toa que, entre os visitantes, há sempre atletas de ponta, praticantes de esportes exigentes como Ironman ou ginástica olímpica. Encantava-se com os fragmentos de histórias que escutava ao atendê-los, como a da descida de uma cachoeira de 12 metros em caiaque e de como é preciso jogar o corpo para a frente no início da queda, ou a força da água joga o caiaquista para trás e lá se vai o pouquíssimo mas valioso controle dessa situação.

Falavam de lugares distantes e muito diferentes daqueles a que estava acostumado. As montanhas imponentes do Peru. A areia coberta de prédios espelhados de Dubai. A imensidão verde do Pará. A imensidão branca do Canadá. O paliteiro de arranha-céus de São Paulo. Corria a pesquisá-los no celular quando ouvia os hóspedes contarem dessas paragens fascinantes.

Sua terra tinha encantos também; aliás, muitos. Um especial era o reino das águas. Apesar da fama equivocada de deserto, o Jalapão era uma terra de subsolo rico em água e de rios caudalosos, os quais aproveitava sempre que podia. Matava aula quando achava uma carona para os mágicos fervedouros, de águas esbranquiçadas por bolhinhas e areia em revolução. Ou para descer longos trechos de remanso e corredeiras, que percorria com a câmara de pneu emprestada às escondidas da borracharia do Pedrão. E devolvida depois.

Seu amor pelas águas chamou a atenção de um turista, capitão de uma tradicional e premiada equipe de competições de *rafting* de Brotas, São Paulo. O efeito que as histórias e informações sobre atividades e aventuras desse grupo lhe fazia era tal que tomava seguidas broncas de seus companheiros de trabalho, pois a toda hora largava tudo para escutá-las, paralisado de fascínio.

Vendo isso, o capitão o convidou a acompanhá-lo e a seus companheiros de equipe, ao rio Novo, não muito longe dali – na escala de distâncias “jalapenha”, que é bem mais expandida que a comum. Seu pai vacilou para deixar, estava com falta de gente na pousada. Mas o capitão é cliente e amigo velho, de confiança, e o frenesi do filho era tal que, afinal, não teve como negar. O “sim” do pai o deixou tão feliz que parecia cintilar como as estrelas da noite anterior.

Entra no Mamute em êxtase, o primeiro dos muitos que experimentou nessa aventura. À beira do rio, um aparato está armado. Disciplinadamente dispostos, formando desenhos cheios de geometria e cor, estão remos, coletes salva-vidas, capacetes e outros equipamentos. E botes infláveis: amarelos, pretos e gordinhos, abelhas aquáticas gigantes. Em vez de uma câmara de pneu, dão-lhe um colete salva-vidas para vestir. E um capacete. Instruções de como segurar e manejar o remo, manobras básicas e seus comandos, procedimentos de segurança e resgate. E... às águas!

O primeiro trecho já é batismo de fogo, aliás, de água: uma descida nível IV. Atrapalha-se na manobra de escorregar para dentro do bote ao comando “solo” e mete a canela no suporte metálico da caixa de mantimentos que transportam. No susto, solta o remo, que é logo resgatado, felizmente. “Foi mal...”, murcha, sem graça. Mas seus companheiros de bote, cinco “raffeiros” experientes, o tranquilizam: “É assim mesmo, às vezes acontece conosco também”. Sabe-se lá se é verdade, mas serve para “desmurchar”. Pensa que aprendeu sobre respeito pelo rio. E nada lhe tira o encanto de ter experimentado o fluxo das águas revoltas, espumantes, com ondas reversas e cavadas. A intensa sensação de ser água.

Não lembra quanto tempo passou no rio. Muito, pouco? Alternaram-se trechos de remanso e de quedas e corredeiras, a última delas em curva. Percebia quando a intensidade seria maior pelo que lia no semblante e em todo o corpo de seus companheiros: iluminavam-se como as estrelas mais brilhantes de noites de lua nova e os sorrisos abriam-se, largos. Depois de transposto o trecho que trouxera essa expressão, riam. O prazer inundava o bote e nele circulava, como as águas não haviam feito.

Antes do anoitecer, encostaram em uma praia de areias brancas e lá acamparam. No jantar, descobre feliz que causou profunda impressão por sua desenvoltura, concentração e entusiasmo durante a atividade, mesmo com o tropeço do início. Dá-se conta, a partir do relato de seus tutores, de que as expressões de prazer que os iluminaram estiveram nele também. Ouve, muitas vezes, a palavra “promissor”.

No dia seguinte, de volta à pousada, vê o capitão olhar para ele e chamar seu pai para um particular. Aguarda curioso o fim da conversa de mais de três horas, durante as quais sente seu coração aos pulos, pois algo lhe diz que o assunto era ele. Quando termina a longa reunião, tudo segue normal: após o café da manhã, é hora de os hóspedes partirem. O capitão despede-se de todos da pousada com simpatia, abraça-o e tece-lhe elogios pelo desempenho e atitudes na aventura aquática do dia anterior. Sobe no Mamute, que desaparece no denso pó da estrada, trepidando nas costelas de vaca. Deixa-lhe a sensação de que sonhou.

Algo mudou: sente uma febre por dentro que não tinha antes. E algo mudou em seu pai também: está mais quieto, pensativo, e a toda hora conversa em reservado com sua mãe.

Dias depois, seus pais o chamam. A mesa está posta para três, com um prato especial: peixe assado na folha de buriti, acompanhado de farinha de puba. Iguaria. Seu pai começa uma conversa, solene:

— Filho, sempre nos falam que parecemos índios, não é? Te contei que seu bisavô era índio mesmo, certo? Então, está na hora de você saber mais:

“Meu avô morava perto da praia, na Bahia. Era Pataxó, da aldeia de Barra Velha. Uma vez teve uma confusão em um comércio na cidade e a polícia caiu matando em cima dos índios. Tacaram fogo na aldeia e fizeram tanta violência que todo mundo fugiu e dispersou por aí. A polícia disse que eles eram comunistas. Meu avô e mais uns nunca mais voltaram; ficaram assombrados e foram andando por esse mundo muitos anos, até vir parar aqui, bem longe de tudo, e aqui se sentiram seguros pra ficar. Nem contavam muito das histórias e costumes Pataxós; tinham medo de serem descobertos e fazerem maldade com eles e os filhos. Mas algumas coisas eu sei, escaparam.

“Essa comida é como a gente consegue fazer o peixe na patioba, que é uma palmeira da Bahia. Aqui não tem, então a gente usa a folha do buriti. Puba também é comida que os Pataxós faziam.

“Uma vez, quando meu avô estava já muito velho e doente, me contou como nasceu nosso povo. Antigamente, na terra só tinha bicho: tatu, teiú, onça, capivara, tamanduá, macaco... E passarinho: arara, carcará, curicaca, pato-mergulhão, anu... Um dia formou uma chuva, choveu, choveu, e o último pingo virou um índio. Ele achou muito bonito tudo o que viu na terra: a mata, os rios, o voo dos pássaros, os barulhos dos bichos, o amanhecer, o pôr do sol, muita beleza. E foi vivendo e trabalhando na terra e aprendendo seus segredos, suas estações, sempre encantado e feliz.

“Um dia caiu outra chuva. Quando parou, a terra estava cheia de índios, porque cada pingo tinha virado um. Ele disse assim para os novos: ‘Olha, parentes, agora eu vou ensinar pra vocês tudo o que eu sei e depois vou pro céu, pro Itôhã, proteger vocês. Meu nome é Txopai’. E fez isso.

“Então, meu filho, eu entendi uma coisa que tava escrita na parede do quarto do seu bisavô. Dizia assim: *‘Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e o mar’*¹”.

Um arrepio percorre a espinha do rapazinho e espraia-se por seu corpo, trazendo-lhe um zumbido no ouvido e uma sensação de vísceras se revolvendo. Estranhamente, sabia que era algo bom.

Seu pai e sua mãe percebem, entreolham-se e guardam silêncio. Assim ficam os três, compartilhando esse momento denso e solene, de ancestralidade recuperada e libertação. De rompimento de amarras identitárias que desde sempre os alijaram de uma essência de si próprios: sim, somos o Povo da Água.

Alguns pensamentos tomam forma em meio à névoa, ao turbilhão de sentimentos do rapazinho. Sentidos emergem. A atração permanente e irresistível pelos rios, fervedouros, cachoeiras e até poças. A sensação algo sobrenatural que tivera no *rafting* de, para além de fluir nas águas, SER água. Era um pingo, sim, sim!

Amainado um pouco esse momento sagrado, o pai fala. Conta que o capitão da equipe de *rafting* ficara muito impressionado com seu potencial e o convidara a treinar com sua equipe. Iria se encarregar de tudo, inclusive de cuidar para ele continuar a estudar. Às vezes, teria umas interrupções para participar de campeonatos, em países estrangeiros inclusive. As faltas às aulas seriam compensadas com estudos e lições durante as viagens e com a imensa experiência e os conhecimentos gerais que ganharia com elas. Poderia falar com sua família e amigos por celular e visitá-los sempre que alguém de confiança fosse ao Jalapão.

— Você quer ir?

— Quero.

— Então vai, Pingo d’Água, embora para o rio e o mar!

¹ PATAXÓ, Kanátyo. *Txopai e Itôhã*. Belo Horizonte: MEC/UNESCO/SEE, 1997.

Como seria, quem seríamos, se em nossas escolas aprendêssemos sobre os povos tradicionais que constituem nossa identidade? Sobre sua história, beleza, sabedoria, modo de vida e cosmovisão? Se isso acontecesse, mais do que em livros e aulas expositivas, por meio de experiências que nos remetessem a suas (nossas) culturas, como em atividades escolares com danças e cantos, conversas em roda, estudo coletivo e em espaços abertos, em contato com a terra, as plantas, o vento?

O apagamento de nossas raízes indígenas e negras é tão intenso que nos desconhecemos. Somos multidões a viver o estado de limbo identitário em que o personagem principal dessa história esteve, rompido aqui e ali quando alguma experiência ou frase solta trazia-lhe sensações fortes vindas de sua ancestralidade, sem que ele pudesse entender o que lhe sucedia. Como se ele fosse um quebra-cabeças faltando peças. E era, até que as peças escondidas aparecem e tudo se integra.

Mais recentemente, a força organizada dessas culturas desvalorizadas e agredidas vem conseguindo ampliar nossa possibilidade de não mais nos alienarmos de nós mesmos, mutilados.

Vamos fazer escolas em que possamos conhecer e viver nossas múltiplas culturas?

ESCOLA RAUL BRASIL, SUZANO: UM MÊS DEPOIS



Suzano, 10 de abril de 2019.

Passando pelo pátio, uma mocinha vem me abraçar. Não me conhece. Estende os braços para mim. Quer meu abraço ou quer me abraçar? Sou adulta, psicóloga, de São Paulo. Ela é quase uma menina, aluna dessa escola. Eu a abraço. Quando nos separamos, vem-me um nó na garganta. Contenho o choro. Percebo que fui abraçada. Ela cuidou de mim. Quisera poder desabar em seus braços. Penso: eu só vim hoje. Ela vem todos os dias.

No fundo da classe, observo a psicóloga a conversar com todos sobre como passaram e passam pela tragédia de que são sobreviventes. Ela é direta e tem uma firmeza quente: rocha amorosa. Apoiam-se nela e uns nos outros. A emoção emerge. Revivem a tragédia, visitam seus mortos, seus medos, sua falta de sono. Entrei resfriada, saio gripada. Eu só vim hoje. Eles vêm todos os dias.

No CAPS, lugar de atendimentos de Saúde Mental quase em frente, sentamo-nos para esperar o motorista que nos levará de volta. Um profissional nos faz sala. Uma pergunta simples como “Posso filar um cafezinho?”, e a emoção dele emerge. Revive a tragédia, o peso de ouvir os que visitam seus mortos, seus medos, sua falta de sono. Estou exausta física e emocionalmente. Eu só vim hoje. Ele vem todos os dias.

A vice-diretora, a diretora, o vice-diretor sentam-se grudadinhos na reunião com superiores hierárquicos e equipes de apoio externas. Davam-se as mãos? Provavelmente não, mas assim é a imagem que guardo. Falam de estarem na vitrine de um acontecimento de um tamanho que não cabe nas pessoas, não tem extensão estimável no espaço ou no tempo ou nas almas ou na história da Educação. Quem está preparado para ocupar esses lugares? Você está? Eu não. Eu não estava preparada para hoje. Eles vêm todos os dias.

Na conversa da psicóloga com a classe, todos são convidados a falar. A professora também. Foi professora de todos os meninos mortos, inclusive daquele que, antes de morrer, matou. Revive a tragédia. Fala da sensação de sua força liquefazer-se e escorrer-lhe pelas pernas. De pensar em seu filho de quatro anos, de pensar em seus alunos e sentir o líquido voltar, quente. Com ele, o raciocínio e o movimento. Sinto-me uma ameoba, uma gosma aplastada no chão. Eu só vim hoje. Ela vem todos os dias.

Lições de humildade.

Um acontecimento como esse da cidade de Suzano será sempre maior do que quaisquer explicações que se queira dar. Subterrâneos em que o ódio e a idolatria às armas fermentam, pais que abandonam mães na criação dos filhos, incels, dark net, vazios existenciais da juventude... É um caldo explosivo com tantos ingredientes! Sua complexidade e magnitude escapará sempre de tudo o que se disser a respeito, nem a arte dará conta. Mesmo assim, lança-nos à busca de sentidos e à ação.

Nesse turbilhão, emerge um ingrediente em comum com praticamente todos os massacres escolares conhecidos, no Brasil e nos Estados Unidos: o protagonista era ex-aluno da escola e lá sofrera humilhações e exclusões. Múltiplas matérias jornalísticas mostram a invisibilidade de seu imenso sofrimento, na comunidade escolar.

Existem escolas que rompem com as práticas comuns e fazem da expressividade, da voz ativa dos estudantes e do cultivo cotidiano da vida comunitária, pilares educativos tão importantes quanto a viagem dos conhecimentos. Educação integral para valer. Que um dia possam acolher todos os Guilhermes¹.

¹ Guilherme chamava-se o aluno que tirou vidas da Escola Raul Brasil, no trágico 13 de março de 2019. Entre elas, sua própria.

O DIA EM QUE APRENDI A SER PSICÓLOGA



1979, último ano da faculdade de Psicologia. Precisava tomar pé do mundo “lá fora”, melhorar minhas chances de conseguir trabalho na profissão que escolhera ainda no ginásio (hoje Ensino Fundamental II). Sair da bolha acadêmica, ver a profissão fora dela, limpar ranços. Ia me formar!

Conheci uma psicóloga de um Centro de Saúde reconhecido pela boa qualidade dos atendimentos. Pedi para ser sua estagiária voluntária e fui aceita. Ela me passaria casos para psicodiagnóstico e me daria supervisão.

Animada, recebi um menino que ia mal na escola. Tinha uns nove anos, acho. Ou seriam sete? Não me lembro dele... Busco sua imagem, uma impressão, uma marca qualquer e não vem nada à memória... É como se nunca o houvesse visto ou estado com ele. Foi meu primeiro “paciente” fora da faculdade, então deveria lembrar-me de algo...

Mas recordo-me bem do que fiz com ele. Como aprendi na faculdade e fui orientada pela supervisora, apliquei-lhe uma bateria de testes: o WISC, o Raven, HTP, CAT, Bender e, como ele tinha problemas na alfabetização, o Columbia. Caprichei nas aplicações e, empolgada, debrucei-me dedicadamente sobre o material colhido. Apliquei gabaritos e calculei pontuações com cuidado, elaborei relatórios minuciosos. Procurei ser a melhor psicóloga possível. Fui parabenizada pela minha supervisora por esse trabalho.

Percebo, agora, que minha relação forte foi com os testes e com o que, por meio deles, extraí desse menino de quem não me lembro...

Contas e análises feitas, a conclusão diagnóstica era Deficiência Mental Leve. Juntas, a psicóloga e eu preparamos a entrevista devolutiva com a mãe, para comunicar o resultado e dar as orientações pertinentes. Eu lhe diria que seu filho teria sempre limitações pela vida, embora com um bom grau de autonomia. Mas que nem ela, nem ninguém, esperasse muito dele, pois seria exigir mais do que ele tinha para dar e isso o faria sofrer sem nada adiantar.

Essa preparação foi feita com tranquilidade, como se fosse comunicar a alguém que o grãozinho que trouxera para ser examinado era milho de pipoca. Aquecendo do jeito certo, ele estouraria e viraria um floquinho comestível. Bem, na verdade, esse não é um bom paralelo, pois essa narrativa poderia trazer um sentimento de encanto com a pipoca e seus poderes mágicos. E o único encanto que havia, nessa reunião preparatória, era o que envolve uma mestra experiente e sua aprendiz dedicada ao realizarem um exercício formativo. O que nos emocionava era ler e interpretar juntas o material, planejando com correção os procedimentos que ele indicava. Tudo muito técnico.

Percebo, agora, que nossa relação forte era com a interpretação fria e o planejamento de ações a partir do material que eu conseguira. Mas onde estava, quem era esse menino? E sua mãe?

Momento da entrevista devolutiva. Entra a mãe na “minha” sala. Cumprimento e faço o discurso preparado, meio como aqueles guias de turismo que decoram o que têm de falar sobre cada monumento histórico que apresentam. Queria ser boa psicóloga e, portanto, ser objetiva e concisa em minha comunicação.

Percebo, agora, que minha relação forte era com o que planejara mostrar e dizer, meu roteiro, sem espaço para o que pudesse vir de quem ia me ouvir.

Estava diante de mim um objeto de cena. Devolutiva “é” assim: um semovente entra, senta-se na cadeira em frente à psicóloga, e esta é a deixa para ela dizer sua fala.

O objeto deveria ficar ouvindo minhas informações e orientações. Escutar, compenetrado, que, baseada em cuidadoso e documentado trabalho, usando instrumentos científicos sofisticados, eu descobrira que aquele grãozinho era um milho de pipoca. Aprender sobre como ele iria estourar e virar um floquinho comestível. Ouvir que, com um salzinho, ficaria mais gostoso, menos insosso.

À medida em que eu desempenhava meu papel, dava meu texto, o objeto de cena começa uma inesperada metamorfose. Sua face torna-se expressiva, contrai-se, seu olhar enche-se de dor, horror, desespero e lágrimas. Seu corpo torna-se tenso, acompanhando seu semblante. Tanto me sendo dito, mas não com palavras. Atônita diante da interrupção do meu texto, emudeço também.

O objeto rompera o *script*, o roteiro!

Sua metamorfose completa-se e ele torna-se pessoa. Uma mulher a quem fiz sofrer imensuravelmente. Uma mãe que exasperei, como se eu tivesse jogado seu filho em um abismo, sem que ela pudesse fazer um gesto para conter a queda. O que fiz, o que fiz?

Percebo, agora, que finalmente apareceu um rosto em minha memória.

Surgiu o semblante de uma mulher miúda, de longos cabelos negros, espessos e lisos. Pele morena, provavelmente de origem indígena. Sem adereços, trajando um vestido sem estampas. Uns trinta e poucos anos.

Perdão, perdão, perdão... Onde você está agora? O que aconteceu com seu filho depois dessa cena? Você acreditou em mim? Queria te contar que, hoje, não sei se acredito no que te disse naquele dia. Será que ele era deficiente mesmo? Não sei... Trabalhei tanto com esses testes e vi tantas crianças que, quando brincava com elas, quando estavam à vontade comigo, quando ficava sabendo o que faziam bem em outros lugares, me mostravam o quanto os testes podem errar... Tantos psicólogos e estudantes de psicologia a quem orientei viram o mesmo...

Queria te dizer que, ainda que ele estivesse com uma deficiência intelectual naquele momento, que nem você e nem ninguém nunca deixasse de apostar nele: falta de aposta, como a que a minha fala incentivou, mata. E, ainda, que ele poderia mudar – há muitas histórias assim.

Naquele dia, você me ensinou a ser psicóloga.

Psicologia, ciência e profissão do tempo da delicadeza. Para além dos autores na área, aprendo com o poeta Manoel de Barros: entender o valor das miudezas, das insignificâncias, das incompletudes. Do meio, do incoerente, das sutilezas. Não é só isso, mas como acolher, compreender e ajudar pessoas sem instaurar um tempo assim, quando nos relacionamos com elas?

Muitas vezes, ter uma atividade ou objetos intermediando essa relação ajuda. Para além das palavras, o silêncio, os olhares, os gestos, os desenhos... São tantas linguagens... Em tudo, a essencialidade do contato pessoal e humano, da presença inteira. Salto no escuro, pois pessoas e situações são sempre únicas. É preciso disponibilidade para perder o controle, para haver-se com o inesperado e com a potência daquele ou daqueles com quem estamos nos encontrando.

Avançamos na direção inversa. A atitude distante supostamente científica, o uso de testes padronizados (como se gentes fossem padronizadas), as listas prontas de comportamentos a serem observados com frieza para fazer um diagnóstico que tanto pode prejudicar a percepção das miudezas, modos únicos de ser, viver e aprender, tudo isso tem crescido exponencialmente entre psicólogos e também entre outros profissionais e pessoas em geral. A internet fornece testes, inventários de comportamento e diagnósticos em profusão e ao alcance da ponta dos dedos. As farmácias agradecem.

O HORTELÃO



Sentado nos calcanhares, plantas dos pés no chão, Lenin cata matinhos do canteiro de couves recém-brotadas, em silêncio. Prazerosamente, dispensa os instrumentos e enfia os dedos da mão esquerda na terra em torno da tiririca, com profundidade para que, ao puxá-la para fora com a direita, saia o torrão inteiro, com as batatinhas que germinariam. Retirando “pragas” uma a uma, passa um tempo que transcende o relógio, expandido por uma espécie de transe denso e, ao mesmo tempo, leve e morno como um carinho.

Emergem cenas de tempos idos, porém vívidos como se presente. O rosto do pai que o ensinou a formar os canteiros, afofar a terra, secar e esfarelar o esterco para adubar, fazer as covas respeitando distâncias, plantar as sementes controlando quantidades, cobrir, regar... Tirar as “pragas” vegetais e animais, manter a terra fofa e úmida... Alegregar-se com os primeiros brotos, verdinhos e tenros e... partir.

Seu pai, desde antes de ele nascer, era um hortelão também de pessoas. Jornalista, cultivava a vida coletiva e amorosa com palavras. Sua enxada, rastelo e pá eram a máquina de escrever. Com ela, contava às pessoas sobre a dureza do chão social pelos idos dos anos 1970 e as convidava a quebrar a compactação estéril desse solo. A torná-lo macio, arejado e propício ao crescimento de seres plenamente humanos.

No embate com o solo social enrijecido, por vezes machucava-se. A dureza dos que o dominavam ameaçava partir seus dedos e seu corpo inteiro. Literalmente. E quando essa possibilidade se anunciava por perto, era hora de partir.

O pequeno Lenin, inconformado, pergunta ao pai:

— Mas por que trabalhamos tanto se nunca vemos nossas plantas crescidas? Nunca uma folha grande de alface, uma cenoura maior que meu minguinho, um tomate vermelho?

Sereno, Eridano passeia os olhos pela horta, levanta-os percorrendo a paisagem até o horizonte e volta-os para o filho. Diz:

— Não plantamos só para nós. Quem vier a este lugar, vai encontrar o que comer.

Esta é uma história verídica da vida de Lenin e seu pai, Eridano Silva, jornalista que precisou viver na clandestinidade, escondendo-se das forças da ditadura militar, pois usava sua escrita para denunciá-la e anunciar um mundo fraterno e justo.

Todos os anos, ao final do ano letivo, milhões de seres-professoras do mundo despedem-se de crianças, adolescentes ou adultos. De muitos, para nunca mais. No ano seguinte, novos estudantes, um ciclo pela frente, professoras lançam-se a cuidar de vidas que acompanharão por um tempo. No final do ciclo letivo, novas despedidas e assim sucessivamente, ano após ano. A cada (re)início, sonhos de por meio desses brotos de futuro, cultivar um mundo bonito, viçoso, pujante de vida, que outros fruirão. São gente generosa como Eridano e a lição que ensina a seu filho.

Sabemos, no entanto, que esse cenário tranquilo em que tudo cresce belo e bom é uma utopia. As hortas têm que se haver com tempestades que desfazem canteiros e levam sementes e plantas na enxurrada, com doenças do hortelão, com bichos pequenos como pulgões ou grandes como vacas invasoras... As escolas têm fenômenos assim também. Muitas vezes, professoras até desanimam e murcham.

Elas também formam uma grande horta. Cultivemos.

A BOLHA



São Paulo, 1 de junho de 2020.

Estou internada em meu apartamento há dois meses e meio. Minha grande expansão pelo espaço é dar uma volta diária de dois quarteirões com meu cachorro, quando procuro as calçadas mais banhadas de sol para senti-lo um pouquinho, meu sol amado que tomo agora sem protetor. Sinto o vento, toco folhas, graminhas, o que posso de natureza, que sempre foi meu alimento. Lojas abertas (ai, meu Deus) contrastam com outras que, me parece, nunca mais abrirão. Minha padaria favorita, tradicional no bairro, onde sabiam meu nome e me sorriam, com aquele olhar de familiaridade e carinho de que eu gostava tanto, é uma delas.

Saudades.

Há três dias, precisei ir ao banco. Na agência em que tive minha primeira conta, no bairro em que vivi minha adolescência toda, até me casar pela primeira vez. No qual residem meus pais e meu irmão com sua família. Na praça onde passava quase todos os dias, a caminho do trabalho. Estava contente em ir visitar essas paragens queridas.

No percurso, o gostinho de estar dirigindo meu carro. Sempre detestei guiar, mas fazia-o diariamente. Pela primeira vez, gostei. De guiar, nem tanto; foi mais de sentir um gostinho do cotidiano que perdi.

Saudades.

É a segunda vez que faço esse caminho, na quarentena. A primeira foi há dois meses, com quinze dias de confinamento. As ruas estão diferentes. Muito mais movimentadas (ai, meu Deus) e noto os enxames de motos de entrega, com aquelas caixas de isopor atrás, nas quais se pode ler: Rappi, Loggi, iFood... É outra rua.

O percurso que faço era meu “caminho da roça” quase diário. Revejo e sinto as ladeiras, igrejas, casinhas mimosas, faço aquela conversãozinha proibida para driblar o trânsito – só para sentir o gostinho, pois não há muito movimento e não estou com pressa. De repente, percebo que estou curtindo a fantasia de estar de volta à vida que tinha. E vem um choque, de consciência da ilusão. Uma dor funda me toma o corpo e a alma. Brota um choro que não consigo conter. Paro o carro e grito “Quero minha vida de volta!”, várias vezes. Dor, dor, dor...

Saudades.

Não consegui ir ao banco. Estava fechado, apesar de eu ter chegado às 13h de uma sexta-feira. O rapaz do estacionamento me avisou que houve um caso de Covid na agência e que devem reabrir só na terça. Nem desci do carro.

Chegando em casa, percebo que ela me protege da percepção de que o mundo fora dela mudou. Que há perdas, vazios, deterioração e perigo. Que meu lar propicia um refúgio na ilusão de que estou em um longo fim de semana desses em que a gente resolve não sair. Ele é como um escudo, uma bolha. Faz as informações e projeções assustadoras, que me inundam diariamente por jornais e redes sociais, tornarem-se realidade virtual, um grande *videogame*.

Sou uma profissional experiente. Quarenta anos de profissão intensos, experimentando, estudando, inventando, registrando... Nesse momento de tempestade de areia, pedem-me direções, caminhos. Vem-me à mente uma frase de para-choques de caminhão: "Não me siga, eu também estou perdida". O que restou e restará do chão que meus pés conheciam tão bem?

Saudades.

Vejo um filme sobre a vida e a morte de Sérgio Vieira de Mello, morto em um atentado de carro-bomba em Bagdá, a serviço da ONU. Presto atenção à coragem dele, que esteve em tantas zonas de conflito. A fibra, a persistência, o esforço de criação permanente de caminhos de sobrevivência e melhoria da vida de povos sofridos. Há um mês, assisti a um filme sobre a saga da tripulação do navio Endurance, expedição polar que deu errado. Todos se salvaram, enfrentando condições terríveis e perigosíssimas, com sofrimentos físicos e psíquicos imensos. Fico com vergonha, sinto-me desprezível, pois minha situação é muito melhor e estou fraca, desanimada, choro a toda hora e deito-me com frequência em minha cama, encolhidinha, querendo minha mãe.

Vai passar, vai passar, vai passar...

A volta às aulas presenciais pós-quarentena da Covid não foi a festa alegre que muitos imaginamos. Lembro ter me deleitado com um texto que dizia esperar que as crianças “fiquem correndo e gritando pelos pátios como os hamsters do capioto” (Tatiana Lebedeff). Foi bem diferente. Um mar cheio de seres profundamente abalados, que aprenderam lições do longo confinamento: evite contato, brinque sozinho, pense sozinho, faça sozinho. O perigo ronda e pode estourar a qualquer momento como agressão, miséria, doença ou morte.

A história da bolha traz uma situação bastante leve, comparada a dramas vividos pela maioria de nós naquele período. Mas pode trazer-nos à memória (racional, emotiva, corporal) o que, em poucos meses de presencialidade regular nas escolas, tentamos muitas vezes esquecer, na ilusão inconsciente de que “o passado é uma roupa que não nos serve mais”, como cantava Elis Regina. Assim, há um tsunami de diagnósticos (TEA, TDAH, TOD...), que subestima ou desconsidera a hecatombe que nos transformou. Os procedimentos e instrumentos diagnósticos, como anamneses, questionários às escolas sobre alunos encaminhados e baterias de testes neuropsicológicos, dificilmente perguntam sobre as condições enfrentadas nessa travessia que pode ter mortes, desemprego, violência doméstica. E falta de sinal de internet ou de recursos de informática para bom acesso ao que a escola tentou ensinar. Sem essa pesquisa essencial envolta em acolhimento, diagnósticos equivocados proliferam e vendem-se muitos medicamentos psicotrópicos.

“Nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio. Nem o rio é o mesmo rio, nem nós somos os mesmos.” (Heráclito de Éfeso). Abracemo-nos.

PRIMAVERA



São Paulo, 17 de março de 2022.

Finalmente, após dois anos de vazio por causa da Covid, meu IP¹ com vida, humana. O bando de macacos pelados, alegres e barulhentos, voltou: algazarra, abraços, caras e caretas. Acontecimentos muitos.

De repente, Emily. Vinte e quatro meses de trabalho juntas *on-line*, toda semana partilhando dores, descobertas e estranhamentos da pandemia. Abraço, felicidade com tristeza pelo que passamos, lágrimas brotando sem pedir licença. Surpreendemo-nos com nossos corpos: ela é tão magrinha, não me lembrava! Eu sou baixinha, ela não se lembrava. Será que encolhi? Nem eu sei, talvez. Longa rotina de corpo e espírito encolhidos, pode ter dado nisso.

A primavera, com suas rendas cor de maravilha sobre as ramas escuras, parece alegre com essa volta. Diz em sua língua: bem-vindos! Ela me saúda, me abraça com sua exuberância e converso com ela. Não fossem seus espinhos, a abraçaria também.

Procuro teiús, saguis, pica-paus. Não vieram à festa. Será que um dia voltam? Comemoro, me alegro e sinto carinho por cada pessoa, planta, bicho, canto ou objeto que reconheço de antes do limbo-inferno.

Encontro pessoas de quem não gosto, mas que compõem essa comunidade desde os primeiros ou segundos tempos nos quais também passei a fazer parte dela. Sobrevêm, soberanos, o carinho, a saudade. Até uns leves sopros do mau humor outrora costumeiro são bem-vindos, ranzinzice familiar e querida que estranhamente se tornou. Sem elas, esse lugar não seria o mesmo. Abraço essa gente. Sinceramente.

O *trailer* da Taninha está lá, sortido de gostosuras servidas com carinho. Toalhinha nova no balcão, caixinhas de palha colorida trançada novas e um sorriso e brilho nos olhos que também são novos na saudade que irradiam. O que seria do IP sem o *trailer* da Taninha? Tomo algo que vai muito além do café: quentura e amargor e magia e nostalgia e reminiscências e... Como aguentamos? Como sobrevivemos?

Estudantes sentados no chão duro, sujo e frio de um vão livre, cena que era costumeira. Será que dá para inspirar um recomeço melhor? Peço e me dão a palavra. Tia Bia dá conselho. Fiz um discurso sobre sermos natureza, sermos de povos ligados à natureza e convido-os a olhar e aproveitar a exuberância, a beleza e a paz do IP ao ar livre, ao invés daquele chão ruim e nojento. Cabeças assentem, aplausos sobrevivem, uma votação sobre mudar para o gramado acontece depois que saio da roda. De longe, voto a favor. Esperança. Mais tarde, passo por lá. A reunião terminou mas o chão-nojão segue com grupinhos de estudantes espalhados. Ninguém no gramado. Sei lá...

Uma fita de interdição é passada no corredor entre os predinhos. Enlaça o cantinho do *trailer*. O telhado está despencando, não pode passar. É o corredor de ligação geral dos blocos, a artéria principal. A natureza toma e retoma os espaços artificiais, se ninguém atrapalha. Formou-se um solo fértil sobre as telhas

¹ Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, a USP, onde trabalho há 34 anos.

de amianto cobertas de folhas degradadas e uma florestinha surgiu. Galhos de árvores próximas romperam aquele obstáculo, frágil para a força lenta e persistente dos vegetais. Antes da tragédia já estava meio assim mas apenas agora algo se faz. Por ora, apenas a interdição. Mas temos muitas cadeiras novas nas salas de trabalho, ergonômicas e bonitas, que recebo como um carinho, mas sua falta não ameaçava minha cabeça como a de queda do teto do corredor. Retratos de uma instituição gigante e desencontrada, coisas de macacos pelados que se perderam com a imensidão de seu bando. Estranhamente, sinto mais a gostosura da familiaridade das contradições do que revolta ou indignação. Mas isso passa. Hoje é um momento único e não vou deixar que nada o estrague.

Expediente encerrado, ponto batido, vou embora Elba Ramalho, cantarolando “Estou de volta pro meu aconchego... Trazendo na mala bastante saudade...”. As capivaras da raia olímpica piscam para mim.

Na volta às aulas presenciais, as marcas do longo período de mudança radical de vida e sofrimentos dos dois primeiros anos da Covid logo se mostraram. Vieram conflitos, estranhamentos, ausências de sentido. A pujança da vida universitária não se reestabeleceu rapidamente e o ano de 2022 foi ainda de muitas ausências e vazios.

No entanto, foi pontilhado, sim, de luzes coloridas e quenturas que nos iluminaram e nos envolveram em gostosura, convidando a voltar a contemplar e fruir o mundo em sua riqueza e humanidade, como o sol nascente faz todos os dias.

Voltar o olhar e todo o sentir para esses salpicos de luz. Deixar que eles nos tomem e nos façam luz como eles. Partilhar o Bom, o Belo, o Feliz, o Amoroso. Reaprender a nos relacionar envoltos nessa partilha. Que ela nos cure.

LOCAIS E CRÉDITOS DAS FOTOS

Capa

Lago Niassa, Niassa – Moçambique
Beatriz de Paula Souza

O Condor

Torres del Paine, Patagônia – Chile
Beatriz de Paula Souza

Cleide e Cleusa: mulheres no espelho

Chapada Diamantina (BA) – Brasil
Beatriz de Paula Souza

Calisto e o pé de caju

Niassa – Moçambique
Beatriz de Paula Souza

Alice e a internet

Arthur's Pass, divisa entre Canterbury e West Coast –
Nova Zelândia
Pedro Refinetti R. Martins

O frio do quente, o quente do frio

Lapônia – Finlândia
Beatriz de Paula Souza

Siri na lata: três histórias de candidatas a TDAH

Serra da Mantiqueira (MG) – Brasil
Deco Bonetti

O Caçador

Rio Negro (AM) – Brasil
Alex Sartorelli

O menino e o mar

Nauvo, mar Báltico – Finlândia
Beatriz de Paula Souza

Pingo d'Água

Parque Estadual do Jalapão (TO) – Brasil
Beatriz de Paula Souza

Escola Raul Brasil, Suzano: um mês depois

Suzano (SP) – Brasil
Beatriz de Paula Souza

O dia em que aprendi a ser psicóloga

Turku – Finlândia
Beatriz de Paula Souza

O hortelão

Cabreúva (SP) – Brasil
Beatriz de Paula Souza

A bolha

Parque Estadual do Jalapão (TO) – Brasil
Beatriz de Paula Souza

Primavera

Instituto de Psicologia da USP, São Paulo (SP) – Brasil
Beatriz de Paula Souza

Sobre a autora

V CONANE, 2023. Universidade de Brasília (UnB), Brasília
(DF) – Brasil
Arquivo pessoal de Beatriz de Paula Souza

SOBRE A AUTORA



ARQUIVO PESSOAL

Beatriz de Paula Souza, CONANE,
UnB, Brasília, 2023.

Beatriz de Paula Souza é psicóloga e mestre em Psicologia Escolar. Especializou-se nos encontros da Psicologia com a Educação, atuando em escolas e outras instituições educativas desde 1981. Coordena um serviço de atendimento psicológico a crianças, jovens e adultos que enfrentam dificuldades em seu percurso escolar, a Orientação à Queixa Escolar, parte do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da USP – LIEPPE/IPUSP. Publicou artigos, organizou livros, ministrou cursos e palestras em sua área de especialidade. Em paralelo, sempre foi uma praticante apaixonada de imersões em lugares diferentes, principalmente em ambientes de natureza preservada e exuberante. Além disso, sempre apreciou as artes, em especial literatura, poesia, artes plásticas, fotografia e música. Essas três paixões, que cultivam e alimentam o conhecimento e a sensibilidade, têm seu encontro revelado neste livro.